A BATALHA

DIARIO DA MANHÃ

Redactor principal—CARLOS JOSÉ DE SOUSA

Propriedade da Confederação Geral do Trabalho

Editor—Carlos Maria Coelho

PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

Aderente à Associação Internacional dos Trabalhadores

ANO VI—Número 1.611

Quarta-feira, 27 de Fevereiro de 1924

PREÇO — 20 CENTAVOS

Redacção, Administração e Tipografia
Calçada do Combro, 38-A, 2.º ◇ Lisboa—PORTUGAL

TELEFONE—5339-C

Oficinas de impressão—Rua da Atalaia, 114 e 116

Terminou ontem a greve dos marítimos de Cezimbra

A CARESTIA DA VIDA

O primeiro rugido do leão

O povo terá que sacudir a juba e preparar o salto defensivo se não quere ser a vítima dos caçadores

Como resposta à grandiosa manifestação popular de sexta-feira passada, os gananciosos, os financeiros, os comerciantes, os assambarcadores e os parasitas de igual jaez, parece, que redobraram nos seus ataques criminosos, preparando o ambiente para um acto de revolta legítima do povo consumidor.

A vida agravou-se consideravelmente. Os espèculadores não desarmam. Os géneros alimentícios subiram de preço, mas os salários manteem-se estacionários, provocando necessàriamente um flagrante desiquilíbrio. As dificuldades aumentaram nos lares proletários. A paciência esgota-se e não será para admirar se se esboçarem alguns conflitos — que podem tornar-se sangrentos—contra os responsáveis da situação que se atravessa.

A fome é má conselheira...

Depois não será fácil distinguir o trigo do joio, os inocentes dos culpados, os justos dos pecadores, as vítimas dos criminosos. A irreflexão predominará nos espíritos, não se podendo vaticinar o que sucederá. A população tem o legítimo direito de procurar os seus meios de defesa. Abusou-se criminosamente da sua passividade, escarneceu-se do seu sofrimento, o que poderá justificar todos os seus actos de vindicta.

E a própria imprensa burguesa, à parte de variadas *nuances* políticas deixa antever o desencadear da tempestade, pela forma como apreciou o protesto do povo junto dos governantes e do parlamento, o que é bem significativo.

Recortámos dela os períodos que abaixo transcrevemos:

De *O Mundo*:

«Chegou a hora decisiva. Entre o povo há já muita gente que começa a perder a paciência e que se mostra insolrida. Mais algum tempo e crescerá o número dos que já não suportam esta situação. O que será o dia de àmanhã? Ninguém o sabe, se os dirigentes da nossa vida pública cruzarem os braços e pretenderem assistir impassíveis ao desenrolar da tragédia. Mas se, com a consciência do perigo que ameaça a todos, se colocarem abertamente ao lado do maior número contra as minorias exploradoras, a situação certamente se desanuviará e voltará o necessário equilíbrio económico, que foi quebrado principalmente pela ganância e pela espèculação.»

De *A Imprensa Nova*:

«Mas o que levou algumas dezenas de milhares de pessoas, de diferentes condições sociais e políticas, a convergirem para o Terreiro do Paço e de lá para as portas do parlamento foi um instinto comum, superior a quaisquer finalidades partidárias.

O instinto de defesa de todos os consumidores, aguilhoados por necessidades tremendas e que teem olhado passivamente para o aumento ilícito de fortunas desmedidas, à custa da miséria do povo e da inércia dos governos, foi a razão suprema que juntou no mesmo brado o homem de «blouse» com o chefe de família da classe média.»

O Rebate conclúi assim:

«Tôda essa gente reclama legitimamente a vida mais barata para poder viver.

A resposta às suas reclamações não pode consistir em uma vaga promessa.

Tem de corresponder a um resultado prático, eficaz, urgente, sem delongas que se sinta verdadeiramente fazer efeito em benefício colectivo.

Quando o povo realiza qualquer manifestação de imponência e do carácter da de sexta-feira, não o faz por um impulso banal. Sabe firmemente o que deseja e o que procura conquistar.

Bom será que todos os especuladores de alto e baixo coturno, desde os que exploram com muitos milhares de escudos até aos que enriquecem a vender géneros indispensáveis diàriamente no lar doméstico, tomem boa conta do que se passa e vão caminhando de encontro aos acontecimentos, antes que os acontecimentos se disponham a seguir brutalmente de encontro a êles».

De *A Capital*:

«Todo o pensamento do interêsse partidário, de paixão sectária, passa para um plano secundário em face desta reclamação essencial que corresponde a uma questão, sem dúvida, suprema. Não se pode viver, e para nós, os mais sacrificados são porventura os que ficaram em casa, como êsses pobres chefes de família, muitos dêles velhos, gastos, exaustos, como essas nobres donas de casa que não sabem o que hão de fazer à sua vida, e sofrem, e definham em silêncio, retraídamente, humildemente, obscuramente.

«Não é só êste govêrno; muitos governos se teem sucedido no Terreiro do Paço que não teem hesitado em dizer que somos vítimas de uma especulação criminosa. Esses governos nada teem feito para punir êsses criminosos e impedir a repetição dos crimes. O Parlamento, por sua vez, tem denunciado essa mesma situação. E o Parlamento não tem feito nada no sentido da salvação pública.

.....

Mas o mal existe e é um dêsses males que pode estancar a vida em todo o organismo nacional, se não fôr atacado enquanto é tempo. Acabe-se ou atenue-se o mais possível a carestia da vida! Essa é a causa a que é preciso, sobretudo, atender; o mais são efeitos dessa causa, que se presta, como tôdas as causas profundas dos sofrimentos populares, à explosão de muitas paixões que essencialmente não teem com elas relação.»

De *A República* assinado pelo sr. Ribeiro de Carvalho:

«Nós entendemos, pela parte que nos toca, que tudo isto vai mal. Que tudo isto precisa de pronto remédio. Que, se não queremos ir todos para o fundo como os macacos, de mãos na cabeça, temos de reagir, temos de encetar vida nova, temos de fazer frente à avalanche destruidora que se aproxima.

Há criminosos no comércio?
Castiguem-se.
Há criminosos na finança?
Punam-se.
Há aventureiros na política?
Cadeia com êles!»

Mas *A Montanha*, do Pôrto, é mais concludente:

«E' o primeiro rugido do leão sofredor e pacífico.

Ai! dos criminosos causadores de tantas desgraças, se o leão sacode a juba e se ergue na ferocidade indomável em ímpetos implacáveis de justiça!

O aviso de sexta-feira passada deve ter causado já calafrios a todos os infames que enriquecem com a fome, miséria e desgraça dos que trabalham pesadamente na vida.

Conjuguem êsse brado das Juntas com a atitude do funcionalismo e digam-nos se não vêem nessas atitudes os prenúncios de alguma coisa grave.

Pão negro a 1$80, batatas a 1$80, arrôs a 3$00, bacalhau a 12$50, azeite a 6$00, um metro de pano, de tecido ordinaríssimo, a 7$00!

Não é necessário citar mais.

Esses números, na sua singela eloqüência, dizem de muitas tragédias, representam padrões de morte que aterrorizam e criam desesperos.

Que o rugido de sexta-feira, o primeiro rugido, seja o aviso providêncial que faça renascer a consciência aos bandidos.»

Os exploradores nossos amigos

O ministro da Agricultura nomeia lobos para proteger cordeiros...

Recebemos a seguinte carta, que dispensa comentários:

Camarada redactor: Acabo de vêr na imprensa o seguinte:

«O sr. ministro da Agricultura assinou ontem e enviou para o *Diário do Govêrno* a seguinte portaria:

Considerando que se manifestem as classes directamente interessadas sôbre a momentosa questão do encarecimento da vida e que entre si concertem, pelos seus representantes autorizados, a apresentação de quaisquer propostas que num são critério e alto espírito de sacrifício as mesmas classes julguem oportunas;

Manda o govêrno da república portuguesa pelo ministro da Agricultura, que para o efeito seja constituída a comissão seguinte, cujos vogais escolherão entre si presidente e secretário:

Pela agricultura, dr. Joaquim Nunes Mexia; pelo comércio, Moisés Bensabat Amzalak; pela indústria, José Maria Alvares; pela Câmara Municipal de Lisboa, dr. Eduardo Alberto de Lima Basto; pelas cooperativas de consumo, dr. Francisco Paula Reis Santos; pelas juntas de freguesia de Lisboa, dr. Alfredo Pedro Guisado; pelo Comissariado geral dos abastecimentos, major José Augusto Sá da Costa».

Lê-se, pasma-se e quási se não acredita: Que autoridade, que moralidade, que independência, que são critério, que alto espírito de sacrifício, que confiança poderão merecer ao povo os indivíduos citados ou as classes detentoras que elas representam?

Joaquim Nunes Mexia, grande agricultor, detentor de trigo, explorador máximo dos trabalhadores de campo, director do Banco Nacional Agrícola, que em 360 dias realiza 2330 contos de lucros em «operações» desconhecidas, pois as que se conhecem foram ruinosas. Moisés Amzalak, grande «fôrça viva» do alto comércio autor da nossa desgraçada situação, José Maria Alvares, outro grande fôrça viva explorador indirecto da classe metalúrgica, Lima Basto «fôrça viva» mais pequeno, dependente da alta finança; actual presidente do falido município de Lisboa, Alfredo Guisado, do mesmo município, aspirante a «fôrça viva» que se fez vereador às costas das juntas de freguesia, que não o quizeram gramar na presidência do seu concelho central, e por fim o Josésinho Sá da Costa, que nos abastecimentos tem dado provas incontestáveis da sua «alta competência...» de amigo íntimo do célebre e celebrizado Pirilau da Manutenção Militar, hoje ao sôldo da Moagem, Sá da Costa êste na dependência da alta finança que lhe empregou e bem um irmão no acima citado Banco Nacional Agrícola.

Decididamente, camarada redactor, o govêrno está a chuchar com o povo, e gramarão isto as Juntas de Freguesia de Lisboa?

Por hoje, fico-me por aqui.—*Leitor assíduo.*

Em Santarem

Os comerciantes provocam o povo agravando o custo dos géneros

SANTAREM, 26. — C.—A carestia desordenada e o desaparecimento de vários géneros do mercado diário e das mercearias, constitui indubitàvelmente uma afronta aos protestos que o povo consumidor vem fazendo.

Dentre outros artigos salientamos: o arroz que para aí se vende repleto de impurezas que com as últimas subidas atingiu o exorbitante preço de 3$00 o quilo. As batatas teem sido sonegadas alternadamente no mercado onde ainda não há um mês se vendiam sãs a 1$00 o quilo, passando com intervalos de dias a 1$20 e, agora a 1$50 o quilo, estão escondidas para se venderem a 2$00 como se anuncia. Nas lojas há algumas que, verdadeiramente podres; se teem vendido a 1$50. E' contra êstes abusos que o povo tem que tornaar extensivos os seus protestos. O consumidor àlém do pão também consome, bacalhau, carnes, legumes, leite, ovos e outros artigos não esquecendo o vestuário.

Urge que tornemos efectiva a nossa vigilância, opondo-nos sempre ao aumento da exploração e envenenamento de que somos vítimas. Ontem na Associação Comercial e sob a presidência do administrador do concelho efectuou-se uma reünião dos comerciantess, em conseqüência dos últimos movimentos de protesto. Houve larga retórica, tomando, os comerciantes, o compromisso de manter os preços nos artigos que possuem,—quem os acredita?—e formando-se uma comissão, na qual são incorporados dois operários, autoridades e comerciantes e várias entidades para tratarem junto do govêrno da momentosa questão da carestia, e irem às moagens adquirir farinhas, etc. Nós é que não os tomamos a sério, e felizmente o povo trabalhador não delegou, naqueles operários que foram levados na sua bôa fé para a comissão.

E demais o povo que está farto de ser ludibriado com promessas e «démarches» de comissionados, mantém inalterável a sua disposição de confiar nos seus esforços próprios, motivo porque não desarmará e continuará precavido e àlerta.

REVULSIVOS

Era uma vez um pintor,
Minado de filharada,
Podendo apenas dispôr
P'ra *manja* da rapaziada,
Do fruto do seu labor.

Uma tarde, ia chegando
A hora triste da ceia,
Eis que o artista, magicando,
Teve, de chôfre, uma ideia
E disse risonho e brando:

—Rapazes, não há ninguém
Que morra por não cear,
Contudo, meditem bem,
¿Querem ceia ou ir deitar,
Levando, cada, um vintém?

De *chéta*, alegres, na mão,
Lá se fôram anichar.
De manhã—desilusão!—
Diz o pai:—P'ra almoçar
O seu vintém me darão.

São escusados comentários;
Sempre é esta a ilusão
Do aumento aos operários,
Nem há outra conclusão
Do aumento aos funcionários.

J. B.

A QUESTÃO DA PESCA

Chalupas francesas apresadas

Entrou ontem no Tejo, a canhoneira «Bengo», trazendo a reboque as chalupas francêsas «Marie Anglo», «Petelle Odette» e Antoniette», que estavam pescando lagosta nas nossas aguas, as quais foram entregues ao departamento marítimo do Centro, que lhes está levantando os respectivos autos.

Em Peniche foi encontrada uma embarcação pertencente a uma das chalupas, que deve vir também para Lisboa, a reboque da traineira «Guarda-marinha Janens».

TRABALHADORES: Lêde A BATALHA

Congresso das Juntas de Freguesia

Reüniu-se ontem a comissão executiva da Federação das Juntas de Freguesia, ocupando-se da realização do próximo Congresso das referidas Juntas e do problema da carestia da vida.

NOTAS & COMENTARIOS

Ministro-sopeira

Há no parlamento umas figuras bizarras e tristes que são os chamados deputados independentes. A independência dêstes deputados que é uma das inumeráveis e hipócritas mentiras da política, consiste no motivo dêles não estarem filiados em nenhum partido. Estes deputados estão sempre aptos a a serem ministros, incluídos em qualquer programa governamental, seja êle democrático, nacionalista, ou cúmplice de qualquer dêstes partidos. Os independentes são pois as sopeiras para todo o serviço, isto é, para todos os elencos ministeriais!

O sr. Nuno Simões que é um dêsses deputados independentes abichou agora a pasta do Comércio. O novo ministro do Comércio, é pois, uma sopeira com largo cadastro político.

A famosa compressão!

Demitiu-se o ministro da Guerra por recusar a sua sanção à nomeação escandalosa dum chuveiro de sargentos para oficiais. O govêrno sacrificou o ministro que se refugiara na compressão de despezas, para nomear os sargentos. A compressão de despezas no ministério da Guerra é uma monstruosa falsidade enquanto no ministério da Instrução se converteu numa dura realidade. O ministério da Instrução, cultiva o analfabetismo, para permitir que o da Guerra faça explodir no orçamento uma ninhada aguerrida e inútil de oficiais.

Sensaboria anual

O momento melhor para o psicólogo inquirir da estupidês individual ou social é o período carnavalesco em que se entrou. O que vai ser êsse período não é difícil de prever dadas as inúmeras provas de insipidês que desde o último domingo se têm multiplicado pelas ruas. Os estudantes, ou antes alguns estudantes organisaram há dias uma burricada chocha que fechou no Coliseu com uma festa tão insípida que deu logar a troça violenta e a pateada vibrante de parte da assistência composta na totalidade por estudantes. Desabou um Carmo e Trindade de pancadaria por não terem encontrado gracinha aos mocitos que até a policia, com a sua policial brutalidade interveio, fricionando as costelas de muitos espectadores, com os seus sabres irritados.

Pelas ruas anda um desafôro brusco e monótono de mulheres até de 50 anos com trajes à moda do Minho que estão inquestionavelmente a exigir, serem varados pelos protestos dos que ainda não perderam de todo as faculdades de raciocínio. Entrámos no período mais estúpido do ano. Ao saír dêle recearemos menos o contacto das alimárias mais bravias que são, coitadas, mais inofensivas do que os desastrados foliões de má morte...

Preguiça, sôno...

Ruminaram muitas rapozas de São Bento na ideia de se efectuar sessões nocturnas afim de tornar mais proveitoso o trabalho parlamentar.

E' possível, porque todos os êrros e escândalos são naturais e possíveis, que venham em breve as suspiradas sessões nocturnas. Por não haver tempo, para tudo discutir, nas sessões diurnas? Sim, porque nas referidas sessões os parlamentares ou desperdiçam o tempo ou não comparecem. As sessões nocturnas representam um aumento dos proventos dos legisladores. De proventos, de preguiça, de sôno. E as horas de sôno e preguiça, são, parlamentarmente falando, consideradas horas de trabalho—e com direito a redobrada remuneração.

A BATALHA vai passar a vender-se a 30 centavos

Tocámos ontem a tecla dolorosa das dificuldades que continuamente, pesam, como uma ameaça tremenda, sôbre a existência da *A Batalha*. Mostrámos descriminando algumas verbas o custo de cada número dêste jornal. Fixámo-lo em 27 centavos. Esses números, convém dizê-lo, fôram dados por alto, tendo sido feita abstracção de várias despesas, como devoluções, exemplares inutilizados e perdidos e ainda uma série aterradora de pequenas verbas que agravam o custo de *A Batalha*.

Os jornais estipendiados pelas fôrças vivas e os que da Moagem são exclusiva propriedade já há algum tempo que se veem vendendo a 30 centavos. Esses jornais dispõem de recursos que nós nunca tivemos e laçam-se em lucrativos expedientes de que nós estámos coibidos. Contudo, não podem vendê-los a menos de 30 centavos.

Envidaram-se todos os esforços para que *A Batalha* se podesse continuar vendendo a 20 centavos. Fizeram-se nesse sentido os maiores esforços porque nos animam acima de tudo e unicamente os nossos objectivos de propaganda e de defesa dos interêsses do proletariado. Esses esfôrços fôram inúteis, visto não haver maneira de *A Batalha* poder comportar, apesar do prestante auxílio do proletariado, com um tam elevado prejuizo por cada exemplar vendido.

Não temos outro remédio senão elevar o preço da *A Batalha* para 30 centavos. Será pois êsse preço que ela passará a ser vendida no próximo mês.

O proletariado, que a nosso lado tem combatido, compreenderá o alcance desta resolução persistindo em dispensar à *A Batalha* o auxílio para ela poder viver uma vida sem mácula.

Que o operariado se não esqueça de que *A Batalha* vive do seu auxílio e, que desaparecido êle, inexoràvelmente morrerá!

CRONICA DE HAMON

O PATRIOTISMO

Os governantes e os militares profissionais devem ser considerados anti-patriotas

A propósito de tudo e de nada, o hábito, sobretudo dos conservadores, dos governantes e dos dirigentes, consiste em todos os países em qualificar de anti-patriotas os seus compatriotas que não pensam como êles nem como êles actuam. O processo é cómodo posto não seja honesto, visto que com rasão ou sem ela, se lança o descrédito sôbre o anti-patriota.

Verdade é, que, é mais fácil proceder por esta forma que determinar o que seja o patriotismo e mostrar que os que se opõem ao modo de vêr e às acções dos dirigentes estão ao mesmo tempo, em oposição, ao patriotismo scientificamente determinado.

O patriotismo por definição, é o amor do seu país, do país em que se nasceu e onde se vive. Este amor implica que o que o possui faz ao seu país, se êste o necessita, todos os sacrifícios possíveis, até o da própria vida.

Este amôr só pode manifestar-se por palavras ou actos tendentes a fazer com que o país amado seja grande, estimado, respeitado por todos, ou melhor ainda, «seja amado por todos».

Quem ama o seu país deve esforçar-se por fazê-lo amar por todo o universo. O que fez a grandeza do Cristo, abstraindo da sua qualidade divina negada pelos livres-pensadores, é a sua bondade, o que deu logar a que não haja no mundo nenhum ser humano que o não ame e admire. Porque Cristo impõe o amôr. Do mesmo modo um país para ser grande deve impôr o amôr a todos. E o maior patriota é o que trabalha nêste sentido; o que faz amar o seu país.

Pelo contrário é de tôda a evidência, que o anti-patriota é o que faz tarefa oposta à do patriota. E' portanto aquele que faz com que o seu país seja detestado, odiado, ou pelo menos temido, pois quem é temido não é amado.

Parece-nos que nas linhas precedentes escrevemos simplesmente truismos e axiomas, tam grande é a evidência da sua verdade. Estes truismos e axiomas tem entretanto a sua importância, porque dêles derivam inelutavelmente maneiras de proceder que permitem determinar com segurança o patriota e o anti-patriota.

Contar com a fôrça das armas, para tornar a sua pátria maior, pode dar resultado momentaneamente, mas é agir antipatriòticamente porque é fazê-lo temido primeiro e odiado em seguida. Qualquer que seja a forma da violência, nunca esta impôs o amor. E quando esta violência é brutal, como o é sempre a de origem militar, impõe o ódio.

Nem Alexandre, nem Tancertan, nem Napoleão, conquistadores do mundo, conquistram o poderio moral, o grandesa que um Cristo e um Buda ainda hoje possuem.

Portanto na sua própria essência, o militar profissional é um antipatriota. E lògicamente todos os que impelem um país para a grandeza pelo caminho da violência. Podem momentaneamente serem bem sucedidos, tal como Napoleão e Bismark. Mas em seguida vem a reacção.

E nunca o país por êles dirigido é amado. A sua grandeza é simplesmente aparente.

«Por isso um dos sintomas da grandeza dum país é o amôr que por êle teem os estrangeiros». Todo o país que suscita a inveja, o descontentamento, o ódio do estrangeiro é um país dirigido por antipatriotas.

Vêde a Alemanha antes de 1914.

Os alemães no seu conjunto imaginavam que os seus dirigentes faziam grande a sua pátria e eram excelentes patriotas. O que era uma aparência enganadora como tôdas as aparências. Quando chegou o momento do perigo, a pátria alemã ficou isolada contra o mundo coligado. Este temia-a e não a amava. O amor é a maior fôrça que existe. De tudo triunfa, porque é a fôrça da própria vida.

Olhai a França actual, temida por uns, odiada por outros, amada por ninguém. Vêde-a isolada, só tendo clientes e não amigos. Não é isto a prova flagrante que são antipatriotas os que dirigem a sua política e a sua economia? Oh, eu não incrimino as suas intenções. Não sondo nem os rins nem os corações dos governantes. Constato os efeitos dos seus actos. Pelo fruto se julga a árvore. E sou forçado a constatar que diminuíram a pátria francesa fazendo-a temer, odiar ou simplesmente não amar a França. E sou obrigado a constatar que êste fruto dos seus actos classifica-os necessariamente entre os antipatriotas.

A política dos dirigentes actuais da França tem opositores. De há muito que foi denunciado o resultado a que conduzia esta política. Muitos mostraram há muitos meses e alguns há anos a que fatais conseqüências conduzia o caminho em que se tinham embrenhado os dirigentes. Mostraram-no dia a dia, gritando cautela, mas em vão. Indicaram nas suas grandes linhas a política a seguir para fazer amar a França: política de justiça e de eqüidade, de igualdade, sem preocupação de vingança, de extorsão, de territórios, de vingança, de domínio militar e económico, política de solidariedade com tôdas as outras pátrias, política de abandono do recurso às armas para decidir conflitos entre pátrias, política de desarmamento, duma forte liga de nações, criando primeiro os Estados Unidos da Europa e os do Mundo em seguida.

Esta política não foi executada porque os que a preconisavam, os socialistas, os caillantistas, não tinham o poder. Mas o único acto que podiam fazer, dadas as circunstâncias era falarem e escreverem. Do que se não privaram. E por êste acto verbal, classificavam-se de patriotas. Com efeito, não é de tôda a evidência que a política que indicavam a ninguém ameaçava e solidarisando todo o mundo, obrigavam a amar-se o mundo inteiro?

Augusto Hamon

OS DELEGADOS PRESOS EM SEVILHA

O PROLETARIADO TEM DE SER ESCLARECIDO SOBRE AS DILIGENCIAS DO GOVERNO PORTUGUEZ E A ATITUDE DE RIVERA

Sevilha persiste em ser a sepultura da liberdade dos dois delegados da C. G. T. que àquela cidade fôram em cumprimento da sua missão: estreitar os laços da fraternal solidariedade entre o proletariado português e espanhol.

Primo de Rivera, o sinistro e grotesco ditador espanhol persiste em manter presos dois operários, dois delegados da C. G. T. que não cometeram o menor delito. A organização operária representando insofismavelmente, a vontade e o sentir do proletariado português, já fez sentir a sua repulsa perante tam indigna atitude do brutal militar que é em Espanha, senhor todo poderoso e senhor absoluto que a seu capricho dispõe da liberdade e da vida dos operários.

As promessas dos ministros dos estrangeiros apesar dos modos correctos e terminantes e repetidos como elas teem sido feitas, não teem passado de promessas. A ineficácia dessas promessas até agora está suficientemente provada pela contestação dolorosa do prolongamento do cativeiro de Silva Campos e Manuel Joaquim de Sousa.

Primo de Rivera continuará fazendo ouvidos de mercador às reclamações que o govêrno por intermédio do ministro dos Estrangeiros e do representante de Portugal em Madrid lhe formulou?

Prometeu—ainda e sempre as promessas!—o sr. Domingos Pereira que iam ser feitas novas diligências diplomáticas junto de Primo de Rivera para que os delegados portugueses sejam, no mais breve espaço de tempo postos em liberdade. O proletariado necessita de ser amplamente esclarecido sôbre essas diligências e da resposta que a elas dará o enfatuado manequim militar que por um golpe de espadas, de espadas que fugiram em Marrocos diante do impeto dos mouros, predomina em Espanha. Tudo isso tem de ser esclarecido para que o proletariado fique convenientemente esclarecido afim de poder julgar com clareza e justiça a atitude do govêrno português e do fantoche tràgico que é Primo de Rivera.

O proletariado continua, por meio dos seus organismos, fazendo sentir a sua revolta contra a iniqüidade que mantém no cárcere de Sevilha dois representantes seus.

No imponente comício que, no domingo, se realizou no Barreiro, foi aprovada uma moção com os seguintes conclusões:

«1.º Reclamar do govêrno a sua intervenção junto do directório militar de Espanha para a imediata libertação de Manuel da Silva Campos e Manuel J. de Sousa.

2.º Secundar qualquer movimento que a C. G. T. leve a efeito para que cesse tam intolerável arbitrariedade.»

Na assemblea magna últimamente realizada, na sede do respectivo sindicato, pelos ferroviários da C. P. foi aprovada uma moção de protesto contra a prisão em Sevilha dos delegados da C. G. T., sendo resolvido enviar telegramas ao ministro dos estrangeiros e ao ministro de Espanha em Lisboa para que se ponha côbro a esta intolerável arbitrariedade.

A Associação dos Operários Confeiteiros do Pôrto, reünida em assemblea geral e tomando conhecimento da detenção dos delegados da C. G. T., Manuel Joaquim de Sousa e Manuel da Silva Campos, presos arbitràriamente em Espanha, lavra o seu veemente protesto contra a infâmia dos governantes espanhóis e mais entidades culpadas de tal situação, saüdando os camaradas detidos e tôdas as vítimas do capitalismo internacional, a quem manifesta tôda a sua solidariedade.

Na última assemblea geral realizada pelo S. U. Metalúrgico do Pôrto protestou-se enèrgicamente contra a intolerável arbitrariedade de que estão sendo vítimas, em Sevilha, Silva Campos e Manuel J. de Sousa, resolvendo-se secundar qualquer movimento que a C. G. T. leva a efeito para conseguir a sua libertação.

A insaciável Carris!

A Câmara Municipal ocupa-se do seu pedido de aumento de tarifas

Na sessão ontem realizada pela Câmara Municipal foi lido um longo ofício em que a Companhia Carris de Ferro «para estabelecer o justo equilíbrio da sua situação financeira e para melhorar as condições de vida do seu pessoal», pede autorização para aumentar as suas tarifas ordinárias de viação eléctrica, pela forma seguinte:

Uma zona, $60; duas, $80; três, 1$00; quatro, 1$20; cinco, 1$40.

Sôbre êste assunto foi lido e aprovado o parecer da comissão de viação, para que o aumento solicitado seja consentido apenas proporcionalmente à diferença cambial que se tem dado entre a cotação sôbre Londres de 2 3/8, a que foram calculadas as tarifas resultantes da sentença arbitral de 27 de Novembro de 1922, e a cotação média dêstes ultimos três meses.

Neste sentido a Comissão Executiva ficou autorizada a calcular e a estabelecer com a Companhias Carris as novas tarifas, incluindo os passes, podendo ser arredondadas para mais ou para menos, de forma a compensarem-se e para só ficarem fracções de cinco centavos, as fracções que se encontrem nos preços de cada tarifa.

Esperemos o resultado das aplicação dêste parecer...

FUNCIONALISMO PÚBLICO

O MOVIMENTO DE PROTESTO

foi suspenso mediante promessa de serem atendidas as suas reclamações

Apesar das ameaças do govêrno, os funcionários públicos não se intimidaram, mantendo o movimento de protesto que há dias tinham iniciado.

O ministério das Finanças chegou a estar isolado dos outros ministérios, tendo-se conservado apenas abertas as portas do exterior que dão para as arcadas. De manhã compareceram no referido ministério onde se conservaram por largo tempo, agentes de polícia de investigação. A sua desagradável e antipática presença chegou a dar logar a vários boatos, entre êles o de que ia ser prêso o comité dirigente do movimento, o que não se confirmou.

Procurou-se provocar descontentamento entre os funcionários, afirmando-se que os das Finanças tinham prejudicado o recebimento dos ordenados dos dos outros ministérios. Segundo informações que colhemos, os funcionários das finanças e a contabilidade dos diferentes ministérios apesar do movimento, estava providenciando para que os seus colegas recebessem os seus ordenados sem atraso.

O movimento de protesto dos funcionários foi suspenso na tarde de ontem por determinação do Comité Central do Funcionalismo.

O referido comité expõe as razões da suspensão do movimento na seguinte nota oficiosa que nos enviou:

«Numa reünião efectuada ontem entre a comissão de «démarches» delegada do Comité do Funcionalismo e o Secretário Geral do Ministério das Finanças, foi declarado por êste senhor que avocava a si as justas reclamações do funcionalismo, para as quais, de acôrdo com os restantes directores gerais, iria imediatamente procurar a fórmula de as efectivar, para ser presente ao respectivo ministro e parlamento, devendo esta comissão voltar a avistar-se com o mesmo Secretário Geral na segunda-feira 10 de Março, data que ficou fixada para final terminação do actual estado de cousas; ficando mais ou menos assente que a plataforma a apresentar seja a alteração do multiplicado estabelecido na lei n.º 1452 e o aumento do coeficiente do custo de vida.

Não tendo o comité desde o princípio do movimento de protesto efectuado, desejo algum em criar dificuldades ao govêrno, resolve, em virtude do tratado com o Secretário Geral do Ministério das Finanças, e acima exposto ordenar a todos os seus colegas a intensificação dos serviços a seu cargo, aguardando-se o resultado favorável previsto para 10 de Março, para o que não são dissolvidas as comissões sem o comité, a fim de voltar ao movimento, então com mais energia, caso a plataforma, por assim dizer já aceite, falhar».

94